

25.ª Sessão, em 14 de Março de 1946

Presidência do Sr. Melo Viana, Presidente, e Otávio Mangabeira, 1.º Vice-Presidente.

As 14 horas comparecem os Senhores:

Partido Social Democrático

Acre:

Castelo Branco.
Hugo Carneiro.

Pará:

Nelson Parijós.
João Botelho.

Maranhão:

Crepori Franco.

Ceará:

Raul Barbosa.

Rio Grande do Norte:

Georgino Avelino.
Valfredo Gurgel.

Paraíba:

Janduí Carneiro.

Pernambuco:

Agamemnon Magalhães.
Gercino Malagueta.
Oscar Carneiro.
Costa Porto.

Alagoas:

Silvestre Péricles.
Medeiros Neto.
José Melo.
Farias Júnior.

Bahia:

Pinto Aleixo.

Espírito Santo:

Atilio Viváqua.
Henrique de Novais.
Eurico Sales.
Vieira de Rezende.
Alvaro Castelo.
Asdrubal Soares.

Distrito Federal:

José Romero.

Rio de Janeiro:

Carlos Pinto.
Bastos Tavares.
Acúrcio Tôres.
Erigide Tinoco.
Miguel Couto.

Minas Gerais:

Melo Viana.
Duque de Mesquita.
Israel Pinheiro.
João Henrique.
Rodrigues Pereira.
Lair Tostes.
Alfredo Sá.

São Paulo:

Antônio Feliciano.
Honório Monteiro.

Goiás:

Pedro Ludovico.
Galeno Paranhos.

Mato Grosso:

Ponce de Arruda.

Paraná:

Flávio Guimarães.
Lauro Lopes.
Gomi Júnior.

— 408 —

se, como medida de emergência uma providência para o transporte de cereais, e, entre estes uma preferência para o milho, durante o período da safra, a fim de garantir o rápido escoamento desse precioso cereal das zonas de produção até os centros consumidores, evitando, desse modo, a deterioração e perda de uma parcela dessa magnífica colheita em prejuízo da coletividade e para desânimo dos produtores.

Sala das Sessões, 14 de março de 1946. — *Arthur Fischer.*

REQUERIMENTO N.º 47, DE 1946

Solicita ao Poder Executivo informações sobre as despesas realizadas pela Comissão Executiva do Leite, com os produtores por conta do crédito de Cr\$ 5.300.000,00 concedido pelo Decreto-lei número 8.031, de 1945.

Considerando que o Decreto-lei número 8.031, de 11 de outubro de 1945, autorizou a Prefeitura do Distrito Federal a subvencionar os produtores de leite, com uma taxa de Cr\$ 0,30 (trinta centavos) por litro fornecido a Capital da República;

Considerando que o Decreto-lei em apreço instituiu os recursos necessários a essa subvenção;

Considerando que a referida subvenção, nos termos do mesmo Decreto-lei, deveria ser concedida a partir da data da sua publicação, ocorrida em 13 daquele mês;

Considerando, finalmente, que os produtores de leite, até a presente data não foram ainda subvencionados, sem embargo de haver sido autorizada pela Municipalidade, em época oportuna, o crédito especial de Cr\$ 5.300.000,00 (cinco milhões e trezentos mil cruzeiros) para atender ao início de tais pagamentos.

Requeiro que, por intermédio da Mesa, sejam solicitadas aos Excelentíssimos Srs. Prefeito do Distrito Federal e Interventor na Comissão Executiva do Leite, as informações que adiante especifico.

Ao Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal:

1.º — Em que data entrou em vigor o crédito especial destinado a custear as despesas iniciais com a subvenção aos produtores de leite?

2.º — Que pagamentos realizou a Municipalidade à Comissão Executiva do Leite, e respectivas datas, relativamente às subvenções devidas?

Ao Exmo. Sr. Interventor na Comissão Executiva do Leite:

1.º — Que importâncias recebeu a C. E. L. da Prefeitura do Distrito Federal, em cumprimento aos dispositivos do Decreto-lei n.º 8.031, e em que datas?

2.º — Que pagamentos realizou a C. E. L. aos produtores de leite, relacionados com a subvenção de Cr\$ 0,30 por litro fornecido, e em que datas foram efetuados?

3.º — Que providências foram adotadas, ou se pretende adotar, para a regularização desses pagamentos e consequente cumprimento do Decreto-lei n.º 8.031?

Sala das Sessões, 14 de março de 1946. — *Paulo Fernandes.*

O SR. PRESIDENTE — Peço a atenção dos Srs. Representantes para o que se acha disposto no art. 55 e parágrafos do novo Regimento, relativamente à fundamentação de indicações, requerimentos, etc. e a inscrição de oradores para a hora do expediente.

Quanto a esta, poderá ser feita durante a sessão da véspera ou no dia em que o Senador ou Deputado pretender ocupar a tribuna e obedecerá à ordem cronológica da solicitação à Mesa.

Os Srs. Representantes, que desejarem falar na sessão de manhã, deverão fazer sua inscrição hoje. Como havia inscrições feitas ontem, data em que o Regimento entrou em vigor, continuam de pé para hoje.

Após esta explicação, dou a palavra ao Representante Sr. Hamilton Nogueira.

O SR. HAMILTON NOGUEIRA — Sr. Presidente, Srs. Representantes:

— 409 —

designado pelo eminente líder da União Democrática Nacional, o Senhor Octavio Mangabeira, venho expressar aqui o pensamento de nosso Partido, que acredito seja de todos os que constituem esta egrégia Assembléa, sobre a questão racista no Brasil.

Perguntarão, talvez: existe no Brasil uma questão racista? E' possível que não exista nas leis, mas existe de fato, não somente em relação aos nossos irmãos pretos como em relação aos nossos irmãos israelitas.

Há uma questão de fato: restrição da entrada de pretos na Escola Militar, na Escola Naval, na Aeronáutica e, principalmente, na carreira diplomática.

O que nos importa, entretanto, no momento, é abordar este ponto e estudá-lo sob aspecto altamente doutrinário, para demonstrar que, no instante atual da civilização, nesse momento da história de nossa terra — em que procuramos implantar uma democracia não nominal, mas de bases humanistas, na qual devem ser respeitados todos os direitos do homem, estejam de pé, permanentemente, em nossa Carta Constitucional, que, queira Deus seja Carta definitiva, esses direitos do homem de todas as condições e de todas as raças.

Sr. Presidente, vamos, de início, estudar, rapidamente, como nasceu no mundo moderno essa consciência de superioridade racial, esse preconceito de raça pura.

Se fôssemos tecer considerações à margem de toda a história, iríamos encontrar o racismo mesmo naquele povo que sofreu mais atrocemente a fúria racista: o povo judeu, o qual, julgando-se povo eleito, era, também, povo racista.

No estudo da antropologia, no estudo das tribus, verificamos, muitas vezes, o preconceito de raça, e o grande antropologista *Herconitz* que perlustrou as diversas áreas de cultura negra, numa conferência feita, no Rio de Janeiro, contou-nos uma lenda que mostra como esse precon-

ceito racial se encontra em todos os povos.

Nessa lenda, narrava o seguinte: Deus tinha feito um boneco de barro e colocara no forno. Não deixou muito tempo. Nasceu um homem horroroso: o homem branco! Fez outro boneco que demorou muito tempo no mesmo forno: nasceu um preto!

Depois fez outro, colocou pouco tempo no forno: nasceu um homem de pele tostada e admirável beleza: era o pele vermelha.

De maneira que vemos, nas lendas, na história que todos sabem, os preconceitos racistas.

Mas, senhores, esses preconceitos racistas desencadearam no mundo ondas de sangue, ódio e aniquilamento, e os grandes responsáveis foram os autores destes dois livros — um publicado em 1853, "Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", do Conde Gobineau; o outro, em 1930, por Alfred Rosenberg, é "O mito do século XX", dois livros, sim, de ódio e aniquilamento. O primeiro, sobretudo, em relação ao preto, que é o problema que vamos estudar hoje; o segundo, referente ao judeu, que também constitui problema da mais alta relevância e que nos propomos estudar mais tarde.

Vamos estudar o negro.

Como surgiu o livro de Gobineau? Surgiu em virtude de uma revolta dele, do seu super-ego exaltado, do seu narcisismo quintessenciado, quando, fazendo a análise de si próprio, refletindo sobre sua pessoa, verificou, trágicamente, que era um mestiço. E ele, que tinha a nostalgia da aristocracia, encontrava no seu sangue uma mistura, um abastardamento, e o seu ódio se voltou contra essas raças que considerava inferiores, sobretudo quanto ao preto, em frases que ficamos envergonhados de ouvir da boca de um homem que retrata a condição humana.

Eu me permito, senhores, ler aqui um conceito de Gobineau sobre os pretos:

— 410 —

"E não é, entretanto, um animal puro e simples, este negro de fronte fugitiva, que leva, na parte média do seu crânio, os índices de certas energias grosseiramente poderosas. Se essas faculdades pensantes são mediocres ou, mesmo nulas, êle possui o desejo e, por conseguinte, na sua vontade, uma intensidade muitas vezes terrível".

E, mais adiante:

"Eles matam pela vontade de matar".

Sr. Presidente, srs. Representantes: pergunto, fazendo a análise da História Contemporânea: onde a raça que mata com vontade de matar?

Verificamos, na Grande Guerra, que a ofensiva partiu da chamada raça ariana, da chamada raça pura e inalterável.

O Sr. Plínio Barreto — Raça que deu os maiores assassínios da História.

O SR. HAMILTON NOGUEIRA — Muito bem!

Em 1934 — pergunto — de que lado estava o conquistador arrogante, no conflito mais covarde da História, que é o conflito italo-abissínio? De que lado estavam os homens com as suas poderosas armas de ferro, e de que lado estavam aqueles humildes soldados descalços, que souberam cumprir com o seu dever?

Mais ainda, meus senhores: no último drama, a que acabamos de assistir, de que lado partiu o espantoso massacre, senão da mesma chamada raça superior? E de que lado estavam os pretos, do Congo Belga, das colônias inglesas, da América, do Brasil — de que lado estavam êsses homens? — estavam derramando seu sangue pela vitória da liberdade, pela implantação da verdadeira Democracia! (Aplausos no recinto).

E' esta a resposta da chamada raça inferior, da chamada raça animal.

Senhores: o livro do Conde Gobineau despertou no mundo essa forte expressão da consciência de raças, que se manifestou, sobretudo, nos

povos colonizadores, que se manifestou, nos povos de grandes população negra, como os Estados Unidos, onde o preconceito do preto perdura até hoje.

E é bom lembrar o seguinte: na guerra de 1914-18, os soldados pretos americanos, de volta da vitória, não puderam passar debaixo do Arco do Triunfo porque não lhes foi permitido! E' questão de história.

Basta, Sr. Presidente, ler o admirável livro de André Siegfried, sobre as condições do negro nos Estados Unidos, para verificar-se até que ponto pode haver uma atitude inhumana. Graças a Deus, no Brasil, não chegamos a êsse estado. Verificamos, porém, que essa raça está abandonada, que esse povo, que saiu da escravidão, que contribuiu com seu esforço para a cultura brasileira, para a nossa civilização, êsse povo é abandonado, não obstante constituir grande massa em nossa terra. E a êsse povo foi dada a consciência de raça inferior. Mas essa consciência vai desaparecendo. Os pretos estão verificando que têm a mesma dignidade humana, as mesmas condições — e o movimento está se realizando.

Meus Senhores: como falei, e como falam todos os antropólogos modernos, como falam todos os que estudaram verdadeiramente a história das civilizações negras, não podemos mais admitir o conceito de raça pura, o conceito de raça estável, o conceito de raça superior e de raça inferior.

O Sr. Plínio Barreto — Todas essas teorias são pura fantasia.

O SR. HAMILTON NOGUEIRA — Todas essas teorias, como diz muito bem o nobre colega, são pura fantasia.

Aliás, no Congresso de Contacto de Raças, realizado em Londres em 1911, os mais notáveis antropólogos, inclusive antropólogos arianos, demonstraram a superioridade, sob certos aspectos, da raça negra.

Meus Senhores: não existe absolutamente, no mundo atual, nenhuma raça pura e podemos demonstrá-lo cientificamente.

— 411 —

Em primeiro lugar, saindo do mundo da fantasia, não precisamos ir até o chamado pitecantropo de Java, vamos ficar naqueles fósseis que estão no pleistoceno, na era terciária, e dos quais se originaram todas as raças atuais. A raça de Grimaldi, que corresponde pela sua ossatura, como pelas estátuas encontradas nas escavações, aos bosquimanos atuais, deu lugar à raça negra. A raça Cromagnon deu origem às chamadas raças brancas, às chamadas raças européidas. Não sei por que se chamam européidas, porque todas essas raças, inclusive a de Grimaldi, foram encontradas na Europa. E, por coincidência extraordinária, a raça de Grimaldi foi encontrada justamente nos terrenos em que vive a raça superior, descendente da raça de Cromagnon. A raça Chançelade deu origem, às raças mongolóides.

Através dos tempos, essa estabilidade desapareceu, como demonstra a genética, como demonstra a antropologia física, como demonstra a antropologia cultural.

O grande professor Mendes Corrêa, em seu livro "Homo", estuda de modo admirável essa instabilidade dos tipos humanos, e, numa conferência feita aqui no Rio de Janeiro, ele demonstrou que uma raça acidentalmente inferior em dadas épocas históricas, pode manifestar-se grandiosamente, desde que as circunstâncias mesológicas o permitam. E uma raça inferior, em certas condições, pode utilizar toda sua potencialidade, toda sua capacidade em melhores condições.

E' o que demonstra a história; e o que demonstra o maior dos antropólogos modernos, Franz Boas, falecido há alguns anos.

Franz Boas, que durante 50 anos fez pesquisas antropológicas nos Estados Unidos, tomando medidas de crânios de indivíduos de todas as raças que convergiam para aquele país — negros, mediterrâneos, brancos, mongóis — verificou que, quando essa gente chegava ao solo americano, em virtude da influência

do meio, no sentido amplo e não no sentido lamarqueano — pois não se admite mais, em biologia e em genética, o lamarquismo puro — convergia ligeiramente para o tipo autóctone americano, — o pele vermelha.

De Lamarque apenas admitimos a influência do meio, não sobre o soma, mas sobre aquela parte orgânica que influi na transmissão dos caracteres hereditários, que é o germe. Esse meio amplo é o clima e, sobretudo, a alimentação, atuando sobre o germe, ou melhor, sobre o cromossoma, ou melhor ainda, sobre os genes, que são partículas potenciais de vida. E' justamente na atuação nesse terreno que encontramos essas modificações.

Franz Boas verificou, repito, que todas as raças, em solo americano, convergiam ligeiramente para o tipo autóctone americano, o pele vermelha.

Outra prova, meus senhores, de que não existe pureza racial é a genealógica.

No livro extraordinário; se bem que de poucas páginas (os grandes livros não têm mais de 100 a 150 páginas, como o de Mendel, que revolucionou toda a biologia); no grande livro que surgiu como reação ao racismo alemão, seu autor, Forst de Bataglia nos oferece uma prova matemática de que não há raças puras. E' o que ele chama "implexo dos ancestrais".

O autor parte deste ponto de vista cada um que faça um gráfico de sua tábua genealógica, partindo de sua própria vida. Fazendo um gráfico, um triângulo ou uma pirâmide, verificaremos que somos o ápice de uma grande pirâmide, que vai através dos tempos. Fazendo a contagem dos pais e avós, e assim, sucessivamente, verificaremos esta coisa espantosa sobre a qual às vezes não meditamos: cada um de nós, em vinte gerações, tem apenas 4.180.300 avós... Em quarenta gerações, que corresponde à época de Carlos Magno, até agora arredondando os números, chegaremos à conclusão de que cada um de nós tem um número de ascendentes

— 412 —

que corresponde a unidade seguida de trinta zeros.

Se nós, constituintes, fizéssemos nossa árvore genealógica, se contássemos essa massa imensa, veríamos que o mundo não comportava tanta gente.

São números matematicamente certos. Entretanto, na realidade, o número é menor, em virtude da endogamia e de outros fatores sexuais, que entravam o desenvolvimento; mesmo assim essa massa humana é muito grande.

Verificamos que os troncos de indivíduos aparentemente diferentes se encontram em quatro ou cinco gerações. Numa conversa de mesa, ao fim de pouco tempo, no Brasil e sobretudo no Ceará, chegamos à conclusão de que todos somos parentes;

Pois bem, meus senhores; esta é uma prova matemática a que não podemos fugir. Por consequência, não existe, absolutamente, raça pura.

Mas, admitamos que existam raças diferentes, na aparência. Os estudos de psicologia, o estudo da personalidade, mostra a igualdade substancial de todos os homens.

Que é personalidade? Personalidade — e eu me permito essa expressão — é o modo de ser, o comportamento de cada indivíduo em seu meio.

Divido a personalidade em duas partes: a personalidade do ponto de vista que eu chamaria ontológica e a personalidade biotipológica. Personalidade ontológica é a essencial, que mostra em todos os homens, além da estrutura psicológica, a personalidade que pode ser aferida por todos os processos de investigação psicológica, pela psicologia experimental, pela psicanálise de profundidade, que foi feita em todas as raças mostrando em todos os homens aquêle mesmo mecanismo, como essência de sua vida psico-afetiva; e a personalidade biotipológica, que é por assim dizer um aspecto quantitativo da personalidade, que se caracteriza pela extraversion ou sua introversão em todos os estados intermediários entre a ciclo-tímia e a esquizotímia.

Aplicado êsse conceito de personalidade a todas as raças, verificamos

em todos os povos êsses estados. Muito mais importante que isso, para negar a pretendida inferioridade da raça negra, temos os estudos feitos pela antropologia cultural, sobretudo na África, pelo grande Léo Frobenius, que foi para a cultura africana o que Stanley e Livingstone foram para o Continente negro sob o aspecto geográfico.

Léo Frobenius esteve nas selvas africanas de 1891 a 1914, visitando-a por cinco vezes. Permaneceu por dez anos seguidos em pleno Congo Belga. E nesse mergulho profundo na selvageria, trouxe um tesouro de cultura, mostrando, pelo estudo das chamadas culturas dos Sorubas, uma civilização esplendorosa, não só do ponto de vista artístico, porque as estátuas ali encontradas eram da mais alta perfeição, como sob o aspecto folclórico.

O que os americanos também têm estudado com muito carinho é a evolução da música preta. O grande brasileiro Artur Ramos, que continuou o roteiro de Nina Rodrigues, tem estudado a cultura preta em magistrais conferências realizadas no Rio de Janeiro, empregando o método chamado sintético em antropologia, isto é, a gravação de discos em pleno Congo Belga e em outras regiões da África, no selo das populações negras do Haiti, nos Estados Unidos, onde foram gravadas as canções dos plantadores de algodão, também na Bahia e nas macumbas do Rio de Janeiro. Comparando essas músicas com essa admirável música americana, que é o "spiritual", mostrou que o fundamento dessa música se aproxima na sua quintaessência, da de Bach, demonstrando a rítmica e a melodia da música africana. E quando os brancos americanos ficaram surpresos com a beleza dessa música, imediatamente quiseram negar a origem africana do "spiritual", atribuindo-a à influência da baía da escocêsia...

O tempo está se esgotando e não posso prolongar-me nesse estudo através da civilização negra. Mas, gosto de falar também da prata de

— 113 —

casa, e essa é representada primeiramente por Nina Rodrigues, o homem que marcou o roteiro para os estudos da imigração negra no Brasil. Em primeiro lugar, rendo homenagem ao nosso grande companheiro Gilberto Freire, o maior sociólogo sul-americano, uma das glórias de nossa terra, uma das magníficas expressões da União Democrática Nacional e ilustre brasileiro. (*Muito bem*). Gilberto Freire, no seu notável livro "Casa Grande e Senzala", do qual discordei em muitos aspectos, faz um dos mais belos estudos sobre a influência e a contribuição do preto para a esplêndida civilização da nossa pátria, na agricultura, na alimentação, com seu trabalho, salientando também que esse preto amenizou justamente todos os vícios do branco conquistador e influenciou extraordinariamente nossa literatura. Foi esse preto que colaborou pelo cruzamento para formação da nossa mestiçagem, dessa mestiçagem que não é, absolutamente, sinal de inferioridade, mas de fortaleza, porque os povos que persistem são os que se mesclam; os que ficam isolados durante muito tempo vêm a desaparecer. Foi o que aconteceu com a raça tasmaniana e a dos "maoris", que desapareceram por falta de cruzamento, bem como o admirável acontecimento da Ilha de Plicatm colonizada em 1870 pelos ingleses, mostrando o valor da mestiçagem com o revigoramento de uma raça decadente.

Gilberto Freire abriu o roteiro e Artur Ramos, em seu estudo extraordinário, vem demonstrar justamente todo o valor da cultura preta. Luís Viana, em trabalhos históricos feitos entre nós, em livro que está no prelo, vai demonstrar a importância dos sudaneses no Brasil e esses trabalhos se prolongam, para maior compreensão, a fim de mostrar o esforço do preto.

Mas, Senhores, não quero silenciar, quanto à contribuição do preto, o lado técnico, aparentemente de menor importância, mas que mostra mais uma dívida que temos para com os negros. Todos nos vacinamos con-

tra a varíola, mas pouca gente sabe que essa vacina, de início, era feita braço a braço. Como foi transportada para o Brasil? Através do braço dos escravos pretos do Barão do Lavradio, o que constitui outra grande contribuição dessa gloriosa raça preta, que tanto deu para a formação, não da raça brasileira, — porque, graças a Deus, não temos raça brasileira — mas para a *étnia brasileira (apoia-dos)*, para o povo brasileiro.

Foderia citar em nossa terra grande número de homens de cor, que honram-na como honrariam qualquer país, como Rebouças, Patrocínio, Julianio Moreira, um dos mais finos espíritos que passaram por nossa terra e o grande poeta preto simbolista Cruz e Sousa, uma das glórias da nossa literatura. No entanto, meus senhores, um dos argumentos do Conde de Gobineau e dos racistas é o de que os povos devem evitar a mestiçagem.

O Sr. Plínio Barreto — O próprio Gobineau, se fosse homem sincero, teria apontado como um dos grandes espíritos da França, um dos seus maiores, romancistas Alexandre Dumas — um mulato.

O Sr. Luis Viana — E não devemos esquecer no Brasil Teodoro Sampaio.

O SR. HAMILTON NOGUEIRA — Não somente Alexandre Dumas, Pai, mas também Dumas Filho, mestiços da Jamaica. E é preciso não esquecer que o poeta russo Pouskine o pai da literatura russa, o homem que animou Tolstoi e Dostoievsky, era de origem abissiniana. Até na política, em nossa terra, encontramos vestígios da raça negra, no grande Nilo Peçanha, a quem devemos prestar homenagem. Sou insuspeito nesse ponto, porque na campanha presidencial de 1922, quando era antagonista do ilustre brasileiro Sr. Artur Bernardes, eu me filiei à candidatura do nobre Presidente de Minas, ao lado do grupo que rodeava Jackson de Figueiredo, e estivemos com o seu governo. Não podemos, todavia, deixar de reconhecer, como não tenho dúvida que o próprio Sr. Artur Bernardes o fará, que Nilo Peçanha foi uma das mais altas expressões cívicas e do senti-

— 114 —

mento democrático da nossa terra, uma glória do Brasil. *(Apoiados.)*

E também, Senhores, nas letras, deveria citar quase toda a literatura brasileira. *(Apoiados.)* Mas bastaria um só nome — Machado de Assis *(apoiados)*, glória universal, o homem que iluminou esta terra, o homem que desceu de um morro mas que escreveu como os grandes mestres da literatura inglesa, com aquela finura, equilíbrio e bom senso apenas encontrados nos autores realmente geniais.

Todos sabem — e isso é questão pacífica — que não mais podemos considerar o preto raça inferior. Assim, faço essa proposta à Assembléa Constituinte, no sentido de que fique estabelecida, em lei, a igualdade de todas as raças e considerado crime de lesa humanidade a contravenção a essa lei.

O problema da raça, Sr. Presidente, está ligado ao da imigração. Por curiosidade, lendo o *Diário Oficial* do dia 7, data da posse do Ministro João Alberto, como Presidente do Conselho de Imigração, encontrei um tópico para o qual peço a atenção de toda a Assembléa.

Diz o Sr. Ministro João Alberto:

“Pretendo trabalhar na tarefa geral e, ouvido o Executivo e mais tarde o Legislativo, dar ao Parlamento uma lei de imigração.”

Acho que toda a hierarquia está invertida *(apoiados)* e que o Sr. Ministro João Alberto ainda não acordou de um longo sono. Se porventura acordou, faço esta pergunta: que outro nome teria essa mentalidade senão de anti-democrática, já que a palavra “reacionária” foi abolida do dicionário desta Casa? *(Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado.)*

O SR. PRESIDENTE — Acha-se sobre a mesa o seguinte requerimento:

Requeremos que, na ata de nossos trabalhos, seja consignado um voto de saudade ao grande brasileiro que foi Prudente Moraes Filho.

O SR. PRESIDENTE — Vou submeter à votação o requerimento.

O SR. BARBETO PINTO *(Para encaminhar a votação)*: — Sr. Presidente, Srs. Representantes, é com a mais viva emoção que recordo a figura do grande brasileiro que foi Prudente de Moraes Filho.

Em sua trajetória luminosa, Prudente de Moraes Filho só engrandeceu o nome do Brasil. Parlamentar extraordinário, membro da Comissão de Constituição e Justiça, que presidiu, seus pareceres foram sempre acatados e ele se impôs desde a primeira vez que compareceu à antiga Câmara dos Deputados.

Jurisconsulto, destacou-se no cenário brasileiro, e, juiz, chamado a fazer parte do Tribunal Superior Eleitoral, ao lado do Conde de Afonso Celso e Miranda Valverde, seus votos tornaram-se respeitados no país inteiro, como verdadeiros ensinamentos sobre a nova lei que estava sendo posta em execução, o Código Eleitoral de fevereiro de 1932.

Foi nessa ocasião que conheci o ilustre brasileiro, de quem tenho tantas saudades, saudades sinceras, pelo muito com que me distinguiu — das as — vezes que procurei S. Excia. ouvindo de seus lábios, invariavelmente, uma palavra de encorajamento, de afeto e de carinho para o mandato por mim aqui exercido.

Aquêle extraordinário continuador da obra do grande Prudente de Moraes, Presidente da Assembléa Nacional Constituinte de 1890 e que promulgou a Carta de 1891, não era apenas o invulgar jurista, o insigne parlamentar, o emérito juiz do Superior Tribunal Eleitoral. Como tive ocasião de acentuar, a destacada virtude, que somava àquelas três outras, era a da amizade, de todos os sentimentos o mais elevado.

Sr. Presidente, autor do requerimento, que antes de terminado já contava com a assinatura dos ilustres líderes da maioria e da União Democrática Nacional, Senhores Nereu Ramos e Otávio Mangabeira, creio haver cumprido um dever, rendendo minhas maiores homenagens a Prudente de Moraes Filho, que em toda sua